



A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE OS PRECONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA, CUITÉ (PB)

José Vinícius Fernandes Silva (1), Cícera Firmina da Silva (2), Caroline Zabendzala Linheira (3)

(1) Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas- Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Educação e Saúde (CES) - fernandesvinicius26@yahoo.com.

(2) Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas- UFCG/CES - cicera_firmina@hotmail.com.

(3) Professora do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas- UFCG/CES - carolinezl.ufcg@gmail.com.

RESUMO: A homofobia é o preconceito com a homossexualidade e pessoas homossexuais, e por extensão, acaba engloba pessoas que não se enquadram nos padrões de gêneros e orientação afetivo-sexual. O preconceito relacionado à homofobia se mostra como mais intensidade nas escolas que os outros tipos de discriminação. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar e discutir como os jovens da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, Cuité (PB) percebem os preconceitos de gêneros e orientação sexual na comunidade e na escola. Nesta primeira etapa da investigação foram aplicados questionários que avaliavam a percepção, o interesse e o conhecimento dos estudantes em relação aos temas: preconceito, homofobia, gêneros e sexualidades. A turma pesquisada nesta etapa não havia passado por nenhum tipo de formação na temática. Os resultados, contudo, mostram um cenário animador: raras manifestações homofóbicas; algum desconhecimento sobre relação a gêneros e sexualidades; defesa dos direitos humanos e interesse em ampliar a discussão sobre a temática. Desta maneira, devem ser promovidas discussões sobre gêneros e sexualidades na escola para que se acabe com o preconceito homofóbico e que os estudantes também sejam disseminadores de uma transformação na sociedade, levando assim tais discussões para seus círculos de amizade e suas famílias contribuindo para um mundo para justo e igualitário para todos os seres humanos.

Palavras-chave: Homofobia, Orientação Afetivo-sexual, Inclusão.

“Mas a nossa hora é essa! Não há ameaça que nos assuste nem nos detenha! Queremos cidadania plena: os mesmos direitos com os mesmos nomes!” (Jean Wyllys)

INTRODUÇÃO

Atualmente existe uma ampla discussão em nossa sociedade relacionada aos gêneros e sexualidades. Discussão essa que, muitas vezes, ultrapassa a ciência e é analisada do ponto de vista religioso, cultural e filosófico. No entanto, não se deve julgar ninguém devido ao gênero e a orientação afetivo-sexual, pois assim como

toda forma de preconceito, este julgamento é injusto, inconclusivo e tende a levar indivíduos à exclusão e segregação.

Uma das principais formas de exclusão é a homofobia, que é definida como o preconceito com a homossexualidade e com pessoas homossexuais, e por extensão, este termo acaba sendo adotado a pessoas que não se enquadram nos padrões de gêneros (masculino e feminino) e orientação afetivo-sexual (heterossexualidade).



“O termo homofobia foi usado pela primeira vez pelo psicólogo George Weinberg, em seu livro A sociedade e o homossexual saudável, publicado em 1972 nos Estados Unidos. Indo da difamação aos atos explícitos de violência física, a homofobia é uma rejeição tão forte que conduz à incapacidade de conviver com LGBTs, manifestando-se em atitudes entre as quais a de não as/os aceitar como colegas de escola ou trabalho, vizinhas/os, clientes ou prestadoras/es de serviço, ocupantes de algum cargo ou até mesmo parentes” (BRASIL, 2011, p. 34).

A homofobia é decorrente de uma visão distorcida e pouco conhecimento que a maioria das pessoas possui em relação a gêneros e sexualidades. Ela inferioriza e rotula homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, tentando retirar-lhes direitos básicos e segregando-lhes a convivência em sociedade.

A homofobia pode ser revertida através da educação. A escola é um ambiente que reflete os acontecimentos e costumes que acontecem fora dela, sendo assim, o preconceito, seja ele qual for, acaba sendo reproduzido no espaço escolar. Desta forma, se o preconceito dentro da escola for combatido, terá reflexos na sociedade. No entanto, no ambiente escolar o preconceito relacionado à homofobia se mostra como mais intensidade que os

outros tipos de discriminação (BRASIL, 2011), este tipo de preconceito não é combatido com a mesma força que as outras formas de estereótipos e discriminações, fazendo com que as questões de gêneros e sexualidades sejam abandonadas pelo professor na sala de aula. “[...] esse poder que os docentes podem exercer de construir um novo pensamento e quebrar paradigmas é menosprezado por eles em sua maioria, que se julgam como meros transmissores do conhecimento, o que acaba levando-os a ignorar e/ou menosprezar temas que gerem grandes discussões e conflitos em suas salas de aula (SIMÃO et al, 2014, p. 2).”

A escola pode, portanto, ser um lugar de transformações. É preciso criar espaços de aprendizagens onde haja respeito às individualidades, espaços em que as pessoas possam viver e conviver, com cooperação, sem julgamentos e sem preconceitos de quaisquer ordens. A melhor maneira de se fazer isto, ao que parece, é levando a temática para a sala de aula, estimulando o diálogo, a percepção da alteridade, a tolerância e a convivência na diversidade.

“O sistema educacional no Brasil apresenta documentos diversos que apontam e orientam as escolas na realização de trabalhos nessa área, focando, principalmente nas questões sobre



sexualidade, gênero, diversidades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental (BRASIL, 1998) apresentam as questões sobre gênero e orientação sexual como temas transversais a serem trabalhados nas séries iniciais” (JUSTINO, LIMA e SILVA, 2014).

Entretanto, “o conhecimento das informações ou dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2001, p. 34), ou seja, é importante que o tema seja explorado em suas diversas manifestações. E para compreender os limites e possibilidades desta necessária contextualização, buscamos identificar elementos relevantes sobre o preconceito com relação a gênero e orientação afetivo-sexual e na E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, Cuité (PB), e pretendemos, a partir deles, refletir e propor ações que possam auxiliar na desconstrução e combate à homofobia na região do Curimataú Paraibano.

METODOLOGIA

O trabalho consiste na primeira etapa de um projeto de pesquisa e intervenção pedagógica desenvolvida na E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos, em Cuité (PB) região do Curimataú Paraibano. Esta é a única escola de ensino médio do município. Atualmente é uma escola que faz

parte do programa Escola Cidadã, além de comportar atividades em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande, campus Cuité, como Estágio supervisionado, projetos de pesquisa e extensão e Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Nesta etapa foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas que avaliaram o conhecimento dos estudantes em relação aos temas: Preconceito, Gêneros, Orientação Afetivo-sexual e Políticas Públicas de combate ao preconceito homofóbico na escola (Figura 1). Os questionários foram aplicados em uma turma de 1º ano do Ensino Médio do turno diurno com 33 estudantes com idades entre 14 e 17 anos.

Durante a aplicação dos questionários os estudantes foram estimulados a responder as perguntas com sinceridade e sem preocupação com os resultados; nenhum se recusou a participar da pesquisa. Este foi o primeiro contato dos pesquisadores com a turma.

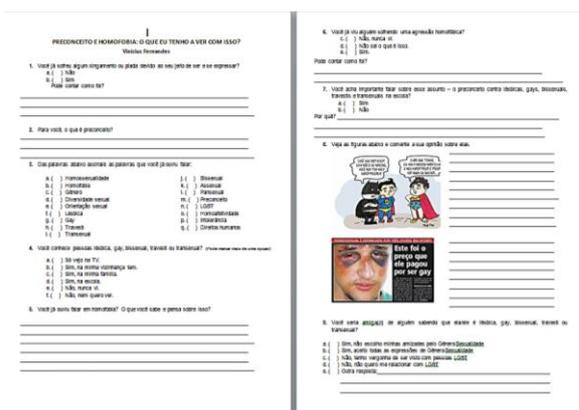
As questões fechadas foram tratadas com métodos simples de somatórios e médias. As questões abertas foram analisadas considerando pressupostos da Hermenêutica apresentados por Ghedin e Franco (2011) e utilizando alguns elementos da análise de conteúdos de Bardin (1970).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados seguindo a ordem das perguntas no questionário.

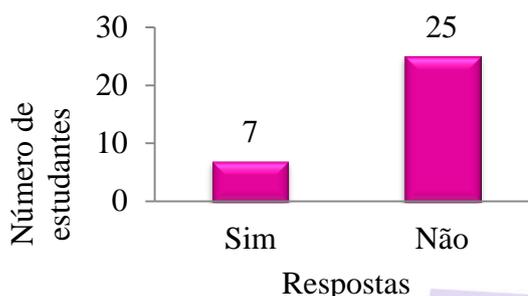
Figura 1: Questionário sobre preconceito e homofobia, aplicado na E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Inicialmente, os estudantes foram questionados se já haviam sofrido algum tipo de xingamento ou piada devido ao seu jeito de ser e se expressar (questão 1), a maioria disse que não (Gráfico 1). Isso mostra que a escola vem mudando no que refere ao preconceito, e os estudantes estão respeitando mais uns aos outros.

Gráfico 1: Respostas dos estudantes (n=33) se já haviam sofrido algum xingamento ou piada devido ao seu jeito de ser e se expressar, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Em seguida foi questionado o que era o preconceito na visão deles. A maioria mostrou exemplos de preconceitos. Uma participante disse: *“um pessoa não aceitar a forma que aquela pessoa é, e xingar ou fazer piada por isso”*, outra estudante citou um exemplo preconceito muito comum e discutido na escola: *“para mim é quando um xinga o outro porque ele é negro, por exemplo.”* Entre outras citações: *“É você não respeitar o próximo”*; *“É uma coisa absurda que muitos seres humanos praticam com os outros, de forma agressiva, com xingamentos ou violência física”*. Um estudante citou um exemplo de preconceito homofóbico: *“Não gostar de uma pessoa que é gay”*.

A questão 3 apresentou uma lista de termos relacionados à temática e solicitava que assinalassem as conhecidas. A tabela 1 organiza a incidência.

Tabela 1: Conhecimento dos estudantes (n=33) sobre termos relacionados à diversidade sexual, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.

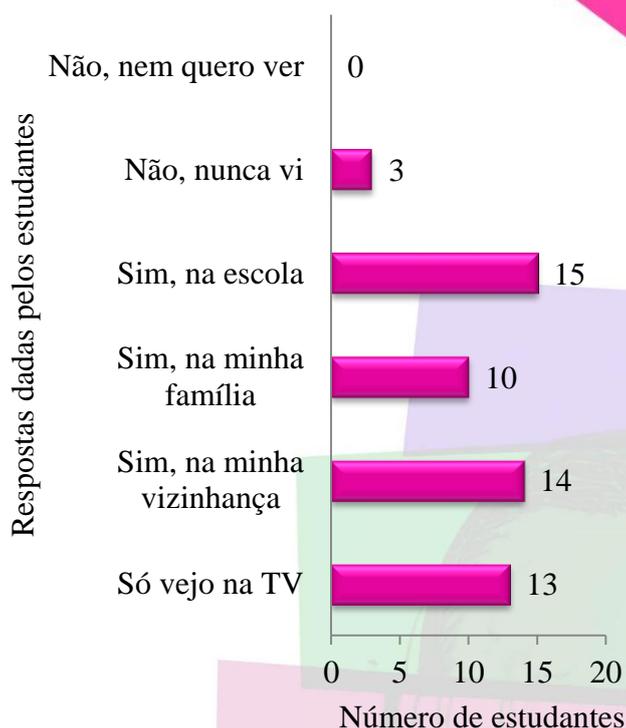


Termo	Quantidade de estudantes que já ouviram falar sobre o termo
Gay	30
Preconceito	29
Travesti	29
Bissexual	28
Direitos Humanos	28
Homofobia	28
Lésbica	28
Transexual	27
Homossexualidade	26
Intolerância	19
Orientação sexual	16
LGBT	14
Gênero	13
Assexual	8
Diversidade sexual	7
Homoafetividade	7
Pansexual	0

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Quando foram perguntados se conheciam pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais, a distribuição ficou conforme o gráfico abaixo (Gráfico 2):

Gráfico 2: Respostas dos estudantes (n=33) se eles conheciam pessoas LGBT, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

A maioria afirmou que já viram pessoas LGBT na escola, na vizinhança, na TV e na família. Apenas três estudantes afirmaram que nunca não tinham nunca. Ninguém assinalou a alternativa “*não, nem quero ver*”. Em outras palavras, os estudantes estão vendo as pessoas e suas escolhas, estão em contato com pessoas LGBT no seu cotidiano, e a escola deve aproveitar isso para trabalhar o tema, discutir a homofobia e estimular os estudantes a lutar contra o preconceito. Esse contato pode permitir o aprofundamento da questão conforme sugere GOMES (2014, pg. 6)

“(...) A escola poderia se utilizar de personagens homossexuais para evidenciar



posturas sérias e inclusivas, como também reforçar a existência dos novos arranjos de família, já que hoje a família tradicional composta de pai e mãe já não é mais a predominante e assim daria visibilidade às famílias compostas por casais homossexuais, desconstruindo preconceitos e rompendo com o modelo padrão.”

Também foram questionados sobre o termo homofobia e seu significado (questão 5). A maioria afirmou que já ouviu falar (Gráfico 3), mas não sabia direito definir o que era. Sete estudantes definiram corretamente homofobia: *“É um preconceito que existe com pessoas que são lésbicas, transexuais, gays e etc.”*; *“Acho que é uma pessoa que não gosta dos LGBT.”*; *“É uma pessoa que tem pavor de ver gay ou travesti.”* e *“Homofobia são agressões que os gays, bissexual, lésbica e entre outros sofrem”*.

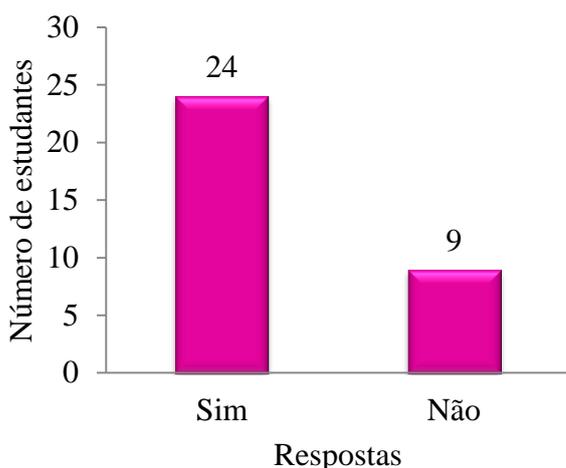
O *Caderno Escola Sem Homofobia* diz que, num primeiro momento, a homofobia é a *negação* da possibilidade de existência de alguém que seja visto não só como diferente, mas, sobretudo como anormal, desviante, imoral, doente e pecadora ou pecador. Posteriormente, uma vez constatada a existência desse “anormal”, a negação passa a ser *hostilidade*, condenando muitas vezes essa pessoa a viver na invisibilidade, de forma clandestina, sem valorização social ou

reconhecimento público (BRASIL, 2011).

Os estudantes também foram questionados se já tinham visto alguém sofrendo uma agressão homofóbica (questão 5). A maioria disse não terem visto (26 estudantes), outros disseram não saber o que era isso e apenas três pessoas afirmaram ter visto uma agressão homofóbica (Gráfico 4). Um dos participantes afirmou que foi horrível e outro citou um caso de homofobia na sua família: *“É porque meu tio é gay, mais é normal, um dia os meninos perguntaram teu tio é viado ai eu disse o que tem a ver?”* Sete estudantes afirmaram que não sabiam o que era agressão homofóbica.

Contrastando as duas questões 5 e 6 é possível ver certa confusão conceitual: os estudantes dizem que sabem o que é homofobia, mas não o que é agressão homofóbica. No projeto de ensino que vem sendo planejado será importante definir a homofobia e suas manifestações, pois assim os estudantes poderão visualizar nos espaços sociais tais comportamentos e sempre que possível combatê-los.

Gráfico 3: Respostas dos estudantes (n=33) se eles já tinham ouvido falar de homofobia, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

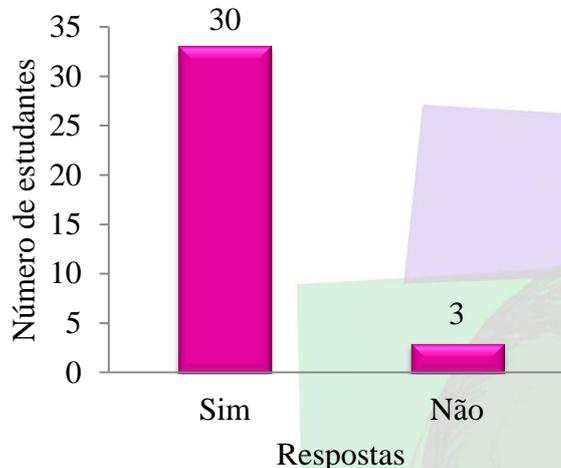
Gráfico 4: Respostas dos estudantes (n=33) se já haviam presenciado alguma agressão homofóbica, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Perguntamos também se os estudantes achavam importante falar sobre o preconceito contra pessoas LGBT na escola (questão 7). A maioria afirmou que sim (30 estudantes) e apenas 3 estudantes afirmaram que não (Gráfico 5).

Gráfico 5: Respostas dos estudantes (n=33) sobre a importância de se discutir o preconceito contra pessoas LGBT na escola, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Com relação às justificativas desta pergunta boa parte afirmou que a discussão deste tema na escola os ajudará a respeitar as diferenças, se informar sobre o assunto, transmitir para a sociedade, viver em harmonia, evitar a formação de futuros agressores, conscientizar as pessoas e diminuir o preconceito. Nota-se que os estudantes estão querendo que estes temas sejam discutidos na sala de aula, e isso está na contramão do preconceito já que *“Não falar do assunto é uma forma de manter as coisas como estão e de, assim, compactuar com o preconceito e a discriminação”* (BRASIL, 2007, pg. 37).

Temas polêmicos e delicados devem ser incorporados nos currículos escolares simplesmente porque estão por perto da vida



dos jovens. Há tempos os Parâmetros Curriculares Nacionais tratam dessas questões como temas transversais.

“Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura” (BRASIL, 1997, pg. 286).

Dentre aqueles que disseram não querer discutir a questão, as seguintes justificativas: *“Eu não acho muito interessante”* e *“Eu não tenho preconceito com nada, quem quiser ser meu colega, eu não escolho o gênero, para mim somos todos iguais”*. Esta última resposta parece apontar na direção contrária, ou seja, a estudante não acha necessário tratar do assunto na escola, pois está resolvido pra ela. Assim reduziríamos apenas a dois estudantes desinteressados.

Dentro do contexto de respeito à diversidade foi criado em 2004, no Brasil, pelo governo federal, o *“Programa Brasil sem Homofobia”* que visa justamente formular e implementar políticas integradas para o enfrentamento da homofobia.

“O programa traz no seu cerne, a compreensão de que a democracia não pode prescindir do pluralismo e de políticas de equidade e que, para isso, é indispensável interromper a longa sequencia de cumplicidade e indiferença em relação à homofobia e promover o reconhecimento da diversidade sexual e da pluralidade de identidade de gênero, garantido e promovendo a cidadania de todos/as” (JUNQUEIRA 2009, p. 15).

Ao relatarem casos de xingamentos e piadas homofóbicas, a maioria dos professores silencia e não buscam desconstruir as questões de gênero e a homofobia, dizem que não conhecem ou não sabem lidar com o tema.

“Se há, contudo, uma percepção por parte de docentes de que algo precisa ser feito em relação ao bullying, principalmente quando ele se refere a diferenças de classe social, isso não ocorre no tocante às questões de orientação sexual e identidade de gênero. Assim, uma professora ou um professor poderá chamar a atenção de uma/um estudante quando presenciar, por exemplo, uma desqualificação racista, mas em geral silenciará diante de um comentário ou atitude homofóbico/a”. (BRASIL, 2011, p.37).

A maior parte dos docentes nem



sequer conhecem o tema homofobia. Nascimento (2015), em sua pesquisa realizada com docentes de escolas públicas de Natal (RN), demonstrou que 82% dos professores de nunca leram ou escutaram sobre o tema *bullying* homofóbico.

Esta pesquisa não trata, por ora, da percepção, tampouco da análise das práticas de professores, mas é importante destacar a ausência dessa temática na escola e contrapor ao resultado de trabalhos como este em que aponta o interesse dos jovens pela temática.

No questionário também havia duas imagens na questão 8 (figura 2 e 3) que solicitava a interpretação e opinião sobre as situações representadas.

Figura 2: Quadrinho mostrando meninos conversando sobre suas fantasias.



Fonte: <http://cdn.camaleao.org/2014/02/feminismo-direitos-lgbt-homossexualidade-charges-camaleo%20A3o.jpg>, 2016.

A figura 2 descreve uma situação de questionamento sobre a liberdade na escolha da identidade de gênero. Foi

possível identificar quatro categorias nas respostas dos estudantes: 16 estudantes legitimaram o empoderamento afirmando que o menino tem o direito de ser quem ele quiser; enquanto nove afirmam que ele sofreu preconceito pela afirmação dos outros meninos; três estudantes afirmaram que o menino escolheu sua sexualidade desde cedo; uma pessoa apontou a heteronormatividade: “(...) *essas crianças foram criadas com o rótulo que a sociedade impõe que existem coisas exclusivas para meninos e para meninas. De menino não pode usar isso, menina não pode fazer aquilo. Exemplo: menino não pode gostar de rosa, e menina não pode gostar de azul*”; e quatro estudantes não opinaram sobre esta figura.

Figura 3: Notícia de homossexual agredido veiculada em jornal.



Fonte: <https://www.ufrgs.br/vies/wp-content/uploads/2011/07/gay-espancado1.jpg>, 2016.

A figura 3 reproduz uma notícia sobre uma situação real de agressão homofóbica. Diante da violência relatada 28 estudantes se



posicionaram contrários à atitude afirmando que agressão física é errada, que as pessoas têm que ser respeitadas e não se deve utilizar de violência contra homossexuais. Três estudantes apenas desprezaram a imagem sem demonstrar um posicionamento claro e outros dois deixaram a questão em branco.

Por fim, foram questionados se seriam amigos de alguém sabendo que ela/ele é LGBT (questão 9). Aqui começam a aparecer alguns limites quanto ao relacionamento com pessoas LGBT.

A maioria dos estudantes (19) afirmou que sim, teriam amigos LGBT, pois não escolhem suas amizades pelo gênero/sexualidade e quatro afirmaram que aceitam todas as expressões de gêneros/sexualidades. Cinco estudantes assinalaram que não seriam amigo de LGBT, pois têm vergonha de serem vistos com pessoas assim (4) ou apenas não queriam se relacionar com LGBT (1). Outros cinco estudantes assinalaram a opção *outra resposta*, justificando das seguintes formas: “*Sim, aqui na escola tenho amigos gays e mesmo assim me sinto a vontade perto deles*”; “*Não tenho amigos assim, mas não me afastaria de uma pessoa pela sexualidade*”; “*Não, porque amigo (a) para mim é uma pessoa que é muito íntima da outra*”; “*Com lésbicas não, porque as pessoas iriam de alguma forma me julgar como lésbica. Mas não*

tenho preconceito com lésbicas não”; “*Não porque os outros iriam ficar rindo de mim*”.

Após diversas manifestações que levam a pensar em uma ausência de preconceito os limites aparecem quando se trata de uma convivência mais aproximada. A insegurança diante da opinião alheia sobre sua própria sexualidade parece ser um ponto a ser discutido com os jovens. Entretanto, o posicionamento da maioria aponta para a possibilidade de uma convivência harmoniosa entre todas as pessoas.

Gráfico 6: Respostas dos estudantes (n=33) se seriam amiga (o) de alguém sabendo que ela/ele é LBGT, E.E.E.M. Orlando Venâncio dos Santos – Cuité – PB, 2016.





Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

CONCLUSÃO

A Escola como organização potencialmente transformadora da sociedade é um local para se combater preconceitos e estereótipos, pois nela também existem discriminações relacionadas à etnia, classe social, orientação sexual e gêneros. Assim, nesse breve pesquisa foi possível perceber que o ambiente escolar, ao menos desta turma, está favorável para a discussão do tema gêneros e sexualidades, preconceitos e homofobia. A partir dessa realidade é possível aumentar o número de pessoas preocupadas com a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas do Brasil.

Um trabalho bem feito na escola pode ajudar a desconstruir ideias e visões arraigadas que estudantes e comunidade em geral, especialmente nas cidades do interior do estado, podem ter, e com isso gerar preconceito, discriminação e violência.

É necessário ampliar o debate sobre os limites e possibilidade para o desenvolvimento dessa temática na escola e na sala de aula. É preciso pensar na formação de professores, a inserção de outros profissionais e entidades no contexto escolar e incrementar as políticas públicas nesse sentido. É preciso vencer o conservadorismo religioso tem insistido em influenciar currículos e práticas escolares, é

preciso vencer, sobretudo, a desinformação.

Por isso, desenvolver a temática na escola é urgente!

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “Homofobia nas Escolas: um problema de todos”. In: Junqueira, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Caderno Escola sem Homofobia**. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>. Acesso em 14 de Janeiro de 2016.

CARVALHO, Rayla do Nascimento; SOUSA, Daniley Alves de; NASCIMENTO, Kelli Faustino do. **Diversidade sexual: discutir ou não no âmbito escolar?** In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 1., 2014. Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: REALIZE, 2014.

FINDLAY, Eleide Abril Gordon; COSTA, Mauro A.; GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. **Guia para a elaboração de projetos de pesquisa**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006. 26 p.



GHEDIN, E.; FRANCO, M. A.,. **Questão de Método na Construção da pesquisa em educação.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, José Cleudo. **A escola que protege contra a homofobia.** In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 1., 2014. Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: REALIZE, 2014.

JUSTINO, Elisângela; LIMA, Julia Augusta de Assis; SILVA, Viviane de Almeida. **Gênero, sexualidade e educação: possibilidades com crianças da educação infantil.** In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 1., 2014. Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: REALIZE, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. **Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília, DF, 2004. Disponível em: <www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed.rev. São Paulo/Brasília, DF: Cortez/UNESCO, 2011.

NASCIMENTO, Rayanny Sillvana Silva do; ALVES, Arthur Gabriel Frazão Bezerra. **O bullying homofóbico na perspectiva dos docentes das escolas públicas em Natal-RN.** In: XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades,

11, 2015. Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: REALIZE, 2015.

SIMÃO, F. C. B.; ALMEIDA, E. N.; SANTIAGO, J. L. S. **Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual com fator de melhoria da educação de todos.** In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 1., 2014. Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: REALIZE, 2014.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Recife: Editora Rêspel, 2014. 177 p.